

O SÍMBOLO SOBRE RODAS: A INDENTIDADE LATINO-AMERICANA NO JOVEM GUEVARA

Eduardo Gusmão de Quadros

Resumo: Ernesto “Che” Guevara era argentino, se tornou herói da revolução cubana e morreu lutando pelo comunismo na Bolívia. Seu engajamento político surgiu após a viagem empreendida com o amigo Alberto Granado por diversos países da América do Sul. Tomando como fonte básica o diário escrito durante esta viagem, investigamos como o jovem Guevara passou a questionar as fronteiras nacionais e em que parâmetros se baseou para imaginar uma unidade latino-americana.

Palavras-chave: Identidade, América, Viagem.

Abstract: Ernesto “Che” Guevara was born in argentine, traveled two times although of Latin America, was made hero of Cuban Revolution and died fighting to communism in Bolivia. Yours engaged political practice raised for a motorcycle travel with your friend Alberto Granado. Get the diaries writing for this period as historical source, we investigate how Young Guevara utilize the bike to guess nationals frontiers and imagine fundamentals to Latin American unity.

Word-keys: Identity, Latin America, Travel

Era preciso começar a pensar a partir de si mesmo, desde os homens e as coisas, antes que partir das idéias...

Felix Schwartzmann

O tema das fronteiras é um tema candente nas ciências humanas. A palavra parece servir de metáfora para muitos tipos de encontros, e desencontros, provocados pela globalização. James Clifford sugeriu, até, que não existissem mais limites entre nativos e estrangeiros, pois qualquer lugar poderia ser concebido enquanto fronteiro (1997, p.19 e 37). Lugar, nesta concepção, é compreendido não apenas como geográfico, mas que inclui, principalmente, o âmbito social e cultural.

Destarte, são nesses encontros, e desencontros, que as identidades vão sendo solidificadas. Este é outro tema quase onipresente nas investigações atuais. Um remete necessariamente ao outro, pois as identidades demarcam ou relativizam os limites, as “linhas” sócio-culturais que permitem e impedem os intermitentes intercâmbios do eu com

os outros. Seguindo Antonio S. Ribeiro, podemos conceber a identidade como um “efeito de fronteira” (2002, p.479).

Ernesto Guevara partiu de casa, quando tinha vinte e três anos, com uma enorme vontade de cruzar as fronteiras da Argentina. A viagem através do Chile, da Colômbia, do Peru e da Venezuela o transformou radicalmente (GUEVARA, 2005, p.52). Retornou para concluir o curso de medicina e logo encadeou uma terceira viagem até a América Central, de onde passará para a guerrilha em Cuba. Então, se transformará no “Che” que conhecemos hoje, no símbolo de revolucionário e militante que continua a impressionar a juventude.

Ora, se tal viagem mexeu tanto com a identidade pessoal, é porque está relacionada com as identificações que foi capaz de construir. Na troca de olhares, no deslumbramento das paisagens, nas conversas entretidas e no espanto com a miséria, um novo “eu” ia sendo plasmado, do mesmo modo que um novo modo de ver ia sendo constituído. Os limites pessoais ampliaram-se concomitante as fronteiras políticas. Uma pátria única, continente de explorados, começou a emergir.

Tal processo de passagem para uma visão panamericanista é o que investigamos nesse trabalho. A fonte privilegiada são as *Notas de Viagem* escritas por Ernesto, conservadas no Centro de Estudos Che Guevara em Havana. Elas foram publicadas no início dos anos 90¹ e alcançaram boa divulgação quando foram transformadas em filme, pelo diretor brasileiro Walter Sales, sob o título *Diários de Motocicleta*.

O que fui

Médicos costumam fazer notas. Com isso, buscam registrar o estado em que se encontra o paciente. As informações são, posteriormente, transformadas em indícios de algo maior, em sinais de saúde ou de doenças. Elas não valem por si, pois são sintomas. Será que essa prática incentivou a redação das páginas a que hoje temos acesso?

Não se trata exatamente de um diário. As anotações foram retrabalhadas, possivelmente para uma publicação que nunca veio à luz. Elas, igualmente, não chegam a ser um conjunto de crônicas, muito menos um romance, pois apresentam diversos trechos

incompletos, soltos, sem muita coerência. Parece que foram reescritas a partir de uma fonte original, de notas tomadas durante a viagem².

Uma coisa é certa, o trabalho iniciado visava sua leitura por outros. As aventuras narradas não são, portanto, memórias pessoais, registros para serem guardados pela família ou uma autobiografia. O autor inicia alertando os possíveis leitores que não apresentará “façanhas impressionantes”, mas tratará apenas de um curto momento onde duas vidas atravessam o continente (GUEVARA, 2005, p.51).

Claro que esse tipo de registro poderia ser feito por qualquer pessoa, assim como as fotografias que se tiram numa viagem. Mas não se trata exatamente disso. Era comum aos exploradores científicos escreverem textos neste formato, e, posteriormente, publicarem seus relatos na Europa. São os conhecidos *livros de viagem* que abundam na América Latina dos séculos XIX e XX, geralmente redigidos por estrangeiros sob uma ideologia colonialista (PRATT, 1999). Seguindo próximo desse modelo, o olhar médico não está somente buscando identificar as “doenças” continentais, buscando as causas dos males e tecer diagnósticos; pretende atingir certa objetividade científica e explicativa, ainda que ingênua.

A ingenuidade não advém exatamente da juventude do autor, mas do espírito de aventura que perpassa todo o relato. O percurso planejado é um misto de expedição exploratória com alto grau de práticas aventureiras. Nesse ponto, nos parece que o gosto do jovem Guevara pela literatura de Julio Verne foi marcante³. A viagem, a diversão e a reflexão estão juntas e se revezam nas páginas da obra⁴.

Depois de nove meses atravessando várias regiões da América, Ernesto retornou de Miami para Buenos Aires. Ele voltou, mas, na verdade, era um outro homem. Em suas palavras, “o personagem que escreveu estas notas morreu ao pisar de novo em terra argentina” (GUEVARA, 2005, P.53). A obra, então, serve também para relatar a própria “morte”. A escrita transforma-se em epitáfio. A redação foi feita como um testemunho de conversão, porque a viagem foi também uma descoberta interior. Uma nova pessoa reencontrou o *Novo Mundo*.

Para tal mudança as páginas nos convidam. Como outras narrativas de viagem, a escritura funciona como passagem, como um meio de transposição para as cenas descritas.

O autor quer que enxerguemos através de seus olhos, sendo esta a pretensão das histórias contadas. A intencionalidade do texto aponta, conservando o acontecido, para esse futuro multidimensional. Seus traços estão no mundo do autor e do texto para seduzir o leitor. Assim, claro, tenta-se atingir o despertar histórico do continente através da identificação. Perceber as doenças é o primeiro passo para a cura.

A Poderosa

Esse gosto pelas viagens e pela aventura, no jovem Guevara, estão sintonizados com a sede de conhecer. Mas busca-se o conhecimento prático, vivencial, *in loco*. Não basta ler sobre outros lugares. Ele quer vê-los nas faces das pessoas. Ao compartilhar suas alegrias e tristezas, se sentir interpelado.

Então, o impulso para deixar a segurança do lar e dos livros já ocorria. Antes de planejar a longa viagem que aqui analisamos, ele já havia atravessado diversas províncias da Argentina. Deixou um livro de memórias sobre o percurso, que, brincando com o título do filme de Walter Sales, poderíamos apelidar de “Diários da Mobyllite” (GUEVARA, 2004, pp. 19-28)⁵.

Os registros são bem menos pretensiosos, mas destacamos a coragem do jovem de vinte e um anos, asmático, para partir sozinho em cima de um motociclo, andando numa média de 25 km/h, e às vezes utilizando dos pedais, para uma viagem tão longa. O trajeto foi feito visitando alguns parentes e amigos, inclusive Alberto Granado. Este é o amigo parasitologista que topará fazer a viagem pela América Latina em sua motocicleta Norton 500.

Um evento relatado demonstra que essas viagens para Ernesto não eram apenas uma aventura “sem destino”⁶, pelo prazer de viajar ou de andar de moto pelas estradas. Ele encontra-se com um rapaz dono de uma linda motocicleta Harley-Davidson, “novinha”. Podemos imaginar o contraste entre aqueles dois viajantes. Com a intenção de ajudar, ou por ironia, ele ofereceu a Ernesto uma “carona” puxando sua mobylite. Em trechos difíceis o nosso autor já tinha feito isso, mas, cuidadoso, resolve perguntar qual a velocidade em que prosseguiria a viagem. “Devagar, o posso levar a uns 80 ou 90 km/h” (GUEVARA,

2004, P.24). Sabendo dos caminhos acidentados e da fragilidade de seu veículo, declina do convite. Mais tarde, chegando a um posto policial, encontrou a moto bastante avariada. Perguntou sobre o condutor e descobriu que estava morto. O autor, em seguida, comenta:

... saber que um homem vai buscando o perigo sem ter sequer esse vago aspecto heróico que entranha a façanha pública e, na volta de uma curva, morre sem testemunhos, faz surgir esse aventureiro desconhecido como provido de um vago 'fervor' suicida (GUEVARA, 2004, p.24).

O heroísmo está atrelado ao público, ou, ao reconhecimento social. O perigo por si mesmo, a velocidade e a sensação particular de aventura não parecem interessar tanto ao jovem Guevara. Suas primeiras viagens foram com uma motocicleta, mas ela representa outros elementos além dos tradicionais “prazer e liberdade”.

Entretanto, como jovem de seu tempo, a utilização desse meio de transporte também não pode passar despercebida. Desde os finais da segunda grande guerra, a motocicleta foi tomando um significado de rebeldia. Ela deixou de ser apenas um veículo. Durante a década de cinquenta, o figurino do blusão de couro, adaptado das fardas usadas pela força aérea germânica e britânica, e a calça jeans, roupa de trabalhadores pobres, sintetizarão esse novo espírito juvenil (PHILLIPS, 2005).

Chama a atenção o nome dado para a moto: *Poderosa*. A Norton 500 era considerada uma ótima motocicleta, de fabricação britânica, e com capacidade cilíndrica adequada para viagens. Antes de partir, foi feita a revisão mecânica e adequações para o trajeto a ser enfrentado. O grupo fez o seguinte registro fotográfico:



Alberto Granado está do lado da moto e Ernesto Guevara ao centro, ambos de capacete.
(GUEVARA, 2005, P.102)

Os protagonistas parecem confiantes e preparados para o destino escolhido (casaco, bota e capacete). A “poderosa” surge como núcleo semântico da imagem, transmitindo certo caráter aventureiro à cena. Se fosse um carro normal, a impressão seria diferente. Portanto, o meio de transporte, de início, impulsionou a articulação dos planos. Eles ficavam imaginando ir “sobre a moto devorando quilômetros na via para o norte” (GUEVARA, 2005, p.54).

Apesar do preparo, a máquina não era tão nova. Com o peso excessivo, possivelmente mal acondicionado, ficou mais difícil a pilotagem e sucederam-se as quedas⁷. Logo, a “poderosa” começou a dar problemas mecânicos, além dos repetidos furos que surgem em algum pneu.

O veículo, então, foi ganhando “personalidade” na narrativa. A moto se “aborrece” (GUEVARA, 2005, p.63) “cansa” pelo caminho (id, p.65), “sofre”, tinha o ronco “asmático” (id.p.102), mas ainda era a “casa” deles (id., p.68). A impressão que nos dá é de fragilidade, de pobreza (id., p.86), em franca contradição com o nome que lhe fora

atribuído. Por fim, a motocicleta “morreu” (id.p.98). Deixaram seu “cadáver” numa garagem, não sem choro (id., p.125).

A América Latina já fora povoada de “poderosas nações” (id., p.158). Contudo, ela foi decaindo em sua história, fragilizada pela colonização e exploração ininterruptas. Talvez a metáfora seja um pouco exagerada, mas o nome dado à motocicleta não aponta para essa capacidade utópica no enfrentamento da realidade, para aquele olhar esperançoso depois cristalizado na famosa imagem de “Che” espalhada pelo mundo? O envolvimento pessoal com o processo de deterioração da “poderosa” parece ser um sinal desta sensibilidade especial em desenvolvimento, de outros que se seguem no relato da viagem.

Na paz do santuário

Ali estavam grandes riquezas. Viajar de moto, inclusive, muito contribuía para o contato direto com a natureza. Em diversos momentos, a narrativa descreve esse encanto com as belas paisagens encontradas. Claro que tais descrições são comuns na literatura de viagem, remontando, inclusive, aos relatos dos primeiros contatos dos europeus com o continente. Mas aqui podemos encontrar um modo de significação que transcende as fronteiras nacionais.

Ao passar através das regiões dos lagos, no sul da Argentina, os protagonistas admiram os “bosques antiqüíssimos” que os circundavam (GUEVARA, 2005, p.78). Eles encontravam naquelas plagas as “origens”, uma pureza intocada, expressando o desejo de conservar aqueles “espetáculos naturais não manchados pela mão do homem” (id., p.125).

O olhar descrito no diário é oposto, destarte, ao olhar exploratório e pragmático do colonizador. Ambos fizeram da natureza latino-americana um *topos* identitário, mas o sentimento de exuberância em Guevara vem correlacionado com o afastamento da mão humana. Ele demonstra a adesão à sensibilidade moderna, “ecológica”, próxima daquela inaugurada pelos românticos⁸.

Às vezes, inclusive, encontramos certa espiritualidade nesta admiração, especialmente quando uma paisagem dominada pela água é comentada. O mar, em particular, possui uma forte magia. Quando Ernesto apresenta-o a seu companheiro Alberto,

comenta: “Para mim, o mar foi sempre um confidente, um amigo que absorve tudo que lhe contam, sem revelar nunca um segredo confiado, e que fornece o melhor dos conselhos...” (GUEVARA, 2005, 55). No infinito das águas marinhas, ocorre um diálogo sem palavras. Há uma sensação de conforto e de paz que mais uma vez, como nos mitos religiosos, remete à busca de uma origem perdida⁹.

Foi vendo o mar, por sinal, que ele afirmou encontrar sua “verdadeira vocação”: “andar eternamente sobre os mares e caminhos do mundo” (GUEVARA, 2005, p.111). Esse destino errante, como o de um missionário sem causa, não é gerado pela insatisfação infante-juvenil. Pelo contrário, quando ele estava em um navio, na situação de clandestino, escreveu uma frase enigmática que manifesta a alma contentada com a visão do Pacífico: “a periferia nos basta” (id.,ibid.). Uma plenitude advinda do que é sem limite parte dos lugares desprezíveis...

A pureza das origens contrapõe-se à situação de destruição contemporânea, a exemplo do observado nas minas de cobre. A região de Chuquicamata conserva uma beleza de montanha imponente, porém é “sem graça”, “glacial”, de uma “monotonia cinzenta” (id.; p.116). Ela esconde riquezas, as “defende” até, contra a cobiça dos homens e das máquinas. Pela exploração da *Chile Exportation Company*, aquele ambiente seco e gélido torna-se dia-a-dia um “cemitério” (id., p.119). As empresas norte-americanas não se contentam com seu próprio país, precisam vir destruir as belezas de outros. Os grupos nacionalistas chilenos, prevê, não teriam força suficiente para impedir o processo. Continuará “o clima infernal da montanha” (id., ibid.), acentuada pela condescendência sulamericana com os *gringos*.

Perto de Bariloche, eles aproveitaram a “paz de santuário” (id., p.79) fornecida pelo agreste argentino. Nas minas, a intervenção humana transformou a paisagem em um “inferno”. A exaltação das riquezas e das belezas naturais está acompanhada de uma mensagem do tipo “nos deixem em paz”. Não existe somente a oposição de estrangeiros *versus* naturais – estes também exploravam e deixavam explorar - mas entre a ação humana e a conservação do potencial da natureza. As culturas geradas pelos séculos de colonização não têm contribuído para a felicidade dos povos do continente.

Estarei com o povo

E quem seriam esses povos? Nesse ponto, a “morte” da *poderosa* divide a viagem em duas partes. Na primeira, eles são tidos como dois jovens aventureiros, meio descabeçados, viajando para conhecer novas regiões e aperfeiçoar seus conhecimentos. A relação deles com a medicina confere certo destaque, os faz ser bem recebidos, como demonstra a notícia publicada em um jornal chileno. A manchete era: “Dois especialistas em leprologia argentinos percorrem a América do sul com uma motocicleta” (GEVARA, 2005, p.87). O meio de transporte os referênciava impelindo um conjunto de representações, enquanto a formação acadêmica possibilita certas relações mais elitistas e sérias.

Sem o veículo de duas rodas, a coisa muda. Eles passam a depender da boa vontade dos motoristas, utilizam os meios de transporte ao lado da gente mais simples, experimentam novas condições, fazendo, às vezes, longas caminhadas. Então, o contato com a população pobre é bem mais direta e intensa. Os registros passam a tratar do povo com muitos mais detalhes.

No porto da cidade de Valdivia, ele admira os camponeses chilenos vendendo seus produtos. Compara com o que conhecia da Argentina, muito mais influenciada pelos estrangeirismos. Ali, não, encontrava-se “algo tipicamente americano” (id, p.87). A escrita guevariana busca, portanto, demarcar o típico como algo puro, original, nesse caso relacionado com as culturas indígenas. Em seu país, essa matriz identitária havia sido perdida, já que muitos povos foram exterminados na conquista.

A reflexão sobre a identidade mestiça da América Latina não é tão presente no *Diário*. Não é o caso aqui de historiar essa característica fundamental da população, mas ela já era afirmada, ao menos, desde a época das independências¹⁰. No começo do século XX, continuava forte, principalmente através dos intelectuais mexicanos. Se afirmava que da mistura latino-americana surgiria, até, uma “raça cósmica” (VASCONCELOS, 1983).

A idéia de José Vasconcelos é interessante porque parte do ideário racial e positivista, para depois questioná-lo. Ele critica qualquer pureza, mesmo a indígena¹¹. Pela formação médica, o jovem Guevara, semelhantemente, apresenta marcas da visão racial da sociedade. Temos, inclusive, um elogio ao conquistador do Chile, um guerreiro desses “as

raças produzem a cada tanto de tempo” (GUEVARA, 2005, p.125). Esse tipo de elogio é raro na obra, nos dando a impressão que na época ele havia lido alguma biografia sensacionalista.

No geral, o conceito de raça é aplicado aos indígenas. Em Cuzco, o autor fala em “raça dominante” tratando dos Incas (id., p.152). Refere-se também à raça Aymara (id., p.140) e à raça Quechua (id.,p.156). No museu da cidade, conhece um guia mestiço “de muita ciência e entusiasmo arrebatador pela raça cujo sangue levava”. Ele era uma verdadeira “peça” do museu, com a fé que possuía no futuro simbolizava “uma raça que permanece lutando pela sua individualidade” (id., p.168).

Então, o conceito de raça serve para classificar grupos sociais, mais do que para reduzi-los aos aspectos biológicos. Verdade que ele fala mal da higiene indígena de modo geral (id., p.167) ou que eles são sempre humildes e calados (id., p.139). São mais impressões, a nosso ver, que a descrição de um caráter.

Diferente ocorre com os negros. Ainda no Peru, conheceram um negro que lhes parecia um assassino (id., p.183). Já em Caracas, onde a presença da “raça africana” é bastante notada, ele escreve que “os negros mantiveram sua pureza racial graças ao pouco apego que têm ao banho” (id., p.203). E isso não é uma ironia, das inúmeras que estão presentes na obra. Ele compara os imigrantes lusitanos da Venezuela com os afro-descendentes, afirmado que:

O desprezo e a pobreza os une na luta cotidiana, porém o diferente modo de encarar a vida os separa completamente. O Negro é indolente e sonhador, gasta seus trocados em qualquer frivolidade ou aposta em brigas, enquanto o europeu tem uma tradição de trabalho e de poupança que o persegue até este rincão de América e o impulsiona a progredir, ainda que independente de suas próprias aspirações individuais (GUEVARA, 2005, p.203).

O caráter racial influencia o comportamento, estando acima das vontades individuais. Aqui o jovem autor expressa o racismo predominante da época, especialmente difundido na Argentina.

Curiosamente, perto do final da viagem, ele evoca a “raça mestiça que desde o México até o estreito de Magalhães apresenta notáveis semelhanças etnográficas” (id.,

p.196). A fala foi feita em um discurso para outros médicos de uma comunidade hansênica venezuelana. É possível que tal idéia venha sendo adotada durante o longo percurso. Mas encontramos igualmente na assertiva a ênfase cultural e social. No texto, algumas interpretações sociológicas são esboçadas, a exemplo da reflexão feita após cuidar de uma senhora idosa:

Ali, nestes últimos momentos da gente cujo horizonte mais longínquo foi sempre o dia de amanhã, é onde se capta a profunda tragédia que encerra a vida do proletariado de todo o mundo. Existe nesses olhos moribundos um submisso pedido de desculpas e também, muitas vezes, um desesperado pedido de consolo que se perde no vazio, como se perderá logo seu corpo na magnitude do mistério que nos rodeia. Até quando seguirá esta ordem das coisas, baseado em um absurdo sentido de casta, é algo que não está em mim responder. Contudo, já é hora dos governantes dedicarem menos tempo à propaganda da bondade de como governam e mais dinheiro, muitíssimo mais dinheiro, a difundir obras de utilidade social (GUEVARA, 2005, p.104).

A reflexão generaliza para o “todo o mundo” e não trata em particular da identidade latino-americana. Todavia, cremos que sua validade enquanto traço comum do continente é válido. Além disso, vemos o forte sentimento de misericórdia com os que sofrem, uma constante no *Diário*. Ele questiona as “castas” que dividem a sociedade nos diversos países e, ainda por cima, os governam. Os grupos antagônicos se enfrentarão um dia, sendo bem clara a opção do autor: “estarei com o povo...” (id., p.208). Esse conflito seria um destino histórico?

Um estado de colônia feudal

A frase citada acima está em uma parte da obra que não segue a seqüência cronológica. Para dar um efeito de destino, relacionado com o futuro revolucionário, um diálogo foi posto para concluir a obra. Não se sabe ao certo quando ou onde ocorreu, mas parece tratar-se de um exilado de algum dos países comunistas. Ernesto registra suas idéias, que, basicamente, compõem um cenário da revolução popular futura. O comentário final do

autor supomos ser um acréscimo posterior, pois fala mais o guerrilheiro que o jovem viajante.

O fardo histórico colonialista, de qualquer modo, é um elemento identitário latino-americano. Ele se revela especialmente diante dos monumentos do passado indígena, mas já vimos que o jovem Guevara admirava Pedro de Valdivia, conquistador do Chile. Em sua ótica, ele era “superior” aos guerreiros que fizeram a história da América ser o que é (GUEVARA, 2005, p.124)¹².

O autor parece ter certo apreço pelos livros de história. Não são muitos os dados contidos no *Diário*, mas em alguns momentos eles buscavam bibliotecas para se informar acerca do país que visitavam (v.g. GUEVARA, 2005, p.200). Uma grande exceção ocorre no caso da visita de Cuzco, onde sua análise da situação dos índios é confrontada com os dados históricos que coletou.

Há, inclusive, um relato sobre o período pré-inca da cidade, acerca da conquista incaica e a posterior violência dos brancos espanhóis que, com “a sanha bestial da plebe vencedora”, não reconheceram a grande cultura incrustada nas pedras das fortalezas, dos palácios e dos templos (id., p.152). Aquela cidade, antes o “umbigo do mundo”, era também uma síntese da América Latina, percebida enquanto camadas históricas superpostas: a primeira das heranças indígenas, a segunda marcada pela cultura barroca e a terceira exibindo aos turistas a glória do conquistador (id., p.150).

Ao visitar Machu Picchu, Ernesto demonstra estar muito bem informado, discutindo diversas teorias do “descobridor” daquelas ruínas, o arqueólogo norte-americano Bingham. Algumas interpretações dele estariam um pouco “forçadas”, como a que relaciona três janelas com os três irmãos Ayllus da mitologia incaica (id., p.157).

Destaca-se nessa parte da narrativa um exemplo do modo privilegiado pela dupla para conhecer as coisas. Ao depararem-se com um instrumento de tortura, Ernesto resolve encaixar seus braços na forma na forma sugerida e Alberto pressiona um pouco para ver o que acontece. “A menor pressão provocava uma dor intolerável e a sensação de que seria destroçado completamente se continuasse o impulso no peito” (id., p.158). Esta forma testemunhal de conhecimento, que não deixa de estar relacionada com a criação da

história¹³, demonstra a importância da experiência pessoal na elaboração de suas idéias. O autor buscava partir de si mesmo (cf.epígrafe), não do que lia ou ouvia falar.

Mas nem tudo advém da experiência. O passado colonial, a forte divisão de classes, o descaso com a população mais simples, a ausência de estruturas mínimas de sobrevivência, o constante desprezo com os indígenas, tudo isso aponta também para um futuro comum. Sim, a dimensão histórica não remete somente ao passado. Se o Peru, por exemplo, não “saiu de seu estado feudal de colônia, ainda espera o sangue de uma verdadeira revolução emancipadora” (id., p.190)¹⁴. O trecho apostro no fim da obra expõe o partido tomado pelo jovem Ernesto: ele estará do lado do “proletariado triunfante” (id., p.208).

Acelerando a História

Voltemos ao discurso feito na colônia de hansênicos. Era aniversário do autor, quando completava seus vinte e quatro anos. Entrementes aos agradecimentos pela boa acolhida e pela festa, ele comenta algumas impressões da aventura que realizavam:

...ainda que a fraqueza de nossas personalidades nos impeça de ser porta-vozes de sua causa, acreditamos, e depois desta viagem mais firmemente que antes, que a divisão da América em nacionalidades incertas e ilusórias é completamente fictícia. Constituímos uma só raça mestiça que desde o México até o estreito de Magalhães apresenta notáveis semelhanças... Brindo pelo Peru e pela América Unida (GUEVARA, 2005, p.196).

O desenvolvimento desta visão panamericana foi a questão principal estudada em nosso artigo. As nações são concebidas enquanto expressões artificiais dos interesses colonialistas e de seus representantes locais. Verdade que o discurso realizado ressalta mais a unidade do povo latino-americano do que faz uma crítica dessas elites. Mas através dos comentários realizados acerca da exuberante natureza, da caracterização da população e da percepção do atraso histórico, cremos que tal crítica já está posta.

Claro que não devemos exagerar, muito menos realizar uma leitura teleológica da obra. No início do *Diário*, como vimos, afirma-se a morte de quem o escreveu. Sabemos

que aconteceu uma transição do estudante Ernesto para o revolucionário “Che” Guevara. Contudo, seria equivocado esquecer que tudo começou como uma simples aventura de moto. Se a *Poderosa* deixou de acelerar, o personagem do livro passará para a tentativa de “acelerar” a história da humanidade. Afinal, como afirmara o exilado sem nome que conheceu: “O futuro é do povo e, pouco a pouco ou de um só golpe, irá conquistar o poder aqui e em toda a terra” (GUEVARA, 2005, p.207).

¹ Para este artigo estamos utilizando a edição argentina da obra feita pela Editorial Planeta com o título *Diários de Motocicleta – Notas de un viaje por América Latina* (GUEVARA, 2005). A edição brasileira feita pela editora Scritta, intitulada *Primeiras Viagens*, foi cotejada (GUEVARA, 1996).

² Trechos dessas notas foram também transformados em artigos de jornal, como o que aborda as nascentes do rio Amazonas, publicado no periódico *Panamá-América Dominical* em 22 de novembro de 1953, e o que descreve Machu-Picchu, publicado no semanário *Siete* do Panamá em 12 de dezembro de 1953. Os artigos encontram-se na coletânea de textos feitos por Guevara (2004, pp.93-102).

³ Em um caderno de leituras feitas na juventude, encontram-se diversas obras de Julio Verne: “A ilha misteriosa (dois tomos), As tribulações de um chinês na China, As aventuras de três russos e três ingleses na África austral, (...) A volta ao mundo em oitenta dias, Cinco Semanas no Globo, A estrela do Sul, Miguel Strogoff, Viagem ao centro da terra, Matias Sandorf (dois tomos), Norte contra Sul, Ante a bandeira, A ilha de... Família sem nome, Vinte mil léguas de viagem submarina, Ao redor da Lua, A agência Thompson e cia.” (GUEVARA, 2004, p.137) Não podemos garantir que todas as obras foram lidas, só constam os títulos, mas isso demonstra o gosto por esse tipo de livro.

⁴ Apesar dos mesmos ingredientes, seu conteúdo não deve ser confundido com o dos relatos de viagem como o de Jack Kerouac (1999), feito na mesma época. A geração *beatnik* tinha outros objetivos existenciais.

⁵ Foi publicado postumamente por seu pai no livro “Mi hijo el Che”. Ele viajou cerca de 4 mil e quinhentos quilômetros, por doze províncias da Argentina. Encontramos paralelo somente numa viagem feita na década de vinte “através da América” por C.K. Shepherd, publicada em livro com o título *Across América by Motor-bicycle* (cf.FRANSEN, 2009). Claro que não existe relação direta entre as duas viagens, mas ressaltamos que esses relatos, cada vez mais comuns na época, costumavam ser publicados também em revistas semanais.

⁶ Fazemos referência ao filme *Easy Rider* (Sem Destino) de Denis Lee Rooper (1969), onde dois amigos atravessam os Estados Unidos em suas motos para “curtir” o carnaval de *New Orleans*.

⁷ Somente em um dia, numa estrada difícil e sem asfalto, é verdade, foram três quedas graves e seis tombos leves (GUEVARA, 2005, p.63).

⁸ No início do século XIX, afirma Keith Thomas, há uma apreciação intensa da “natureza selvagem”. “Para os românticos, a natureza ‘melhorada’ era a natureza destruída” (THOMAS, 1989, p.315).

⁹ Conforme os estudos de Mircea Eliade, a água nos mitos simboliza a substância primordial, o início e a recriação, é a “matriz de todas as possibilidades de existência” (ELIADE, 1974, p.222).

¹⁰ Simon Bolívar afirmou na mensagem ao congresso de Angostura, em 1819: “É impossível estabelecer com propriedade a que família humana pertencemos. A maior parte da população indígena foi aniquilada; o europeu tem se misturado com o americano e o africano e este com o índio e o europeu. Nascidos todos no seio da mesma mãe, nossos pais, diferentes na origem e no sangue, são estrangeiros, e todos diferem visivelmente na epiderme. Esta dessemelhança representa um aspecto de grande transcendência” (BOLIVAR, 1970, p.93-4).

¹¹ A obra foi publicada em 1925 e suas idéias foram bastante difundidas na época. Sobre os índios, ele escreve: Os próprios índios puros já estão espanholizados, estão latinizados como está latinizado o ambiente” (VASCONCELOS, 1983, p.78).

¹² Por que a escolha de Valdivia, e não qualquer outro conquistador, é uma questão que não temos resposta.

¹³ A palavra história na língua grega remete àquele que vê, que testemunha (HARTOG, 2001, p.51). Lembramos que o “pai da História”, Heródoto, foi um também um viajante que buscou os lugares onde ocorreram fatos importantes de sua civilização.

¹⁴ Esse tipo de análise aproxima-se da “interpretação da realidade” feita por Mariátegui (2004). Entretanto, não temos provas claras de que Ernesto o tenha lido quando estava no Peru.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLIVAR, Simon. *Doctrina del libertador*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1970.
- CLIFFORD, James. *Routes: travel and translation in late twentieth century*. Cambridge: Harvard Press, 1997.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de historia de las religiones*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1974.
- FRANSEN, Tim. *An anthology of early British motorcycle literature*. Essex: Dakar Books, 2009.
- GRACIA, Jorge J. E. e JAKSIC, Ivan. *Filosofia e identidad cultural en América Latina*. Caracas: Monte Ávila Editores, 1983.
- GUEVARA, Ernesto Che. *América Latina – despertar de un continente*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 2004.
- GUEVARA, Ernesto Che. *Diários de Motocicleta – Notas de um viaje por América Latina*. Buenos Aires: Editorial Planeta, 2005.
- GUEVARA, Ernesto Che. *Primeiras viagens*. 2 ed. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Editora Scritta, 1996.
- HARTOG, François (org.). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- KEROUAC, Jack. *On the road (Pé na estrada)*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1999.
- MARIÁTEGUI, José C. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Santa Fé, Argentina: Kolectivo Editorial, 2004.
- PHILLIPS, Lily. *Blue jeans, black leather and a sneer: the iconography of the 1950's biker and its translation abroad*. *International Journal of Motorcycle Studies*, March, 2005, vol.1, num.1 (www.ijms.nova.edu).

-
- PRATT, Mary L. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: EDUSC, 1999;
- RIBEIRO, Antonio Souza. *A retórica dos limites. Notas sobre o conceito de fronteira*. In: SANTOS, Boaventura dos (org.). *Globalização e Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002, pp.475-501.
- SCHWARTZMANN, Felix. El sentimiento de lo humano em América (1944). In: GRACIA, Jorge J. E. e JAKSIC, Ivan. *Filosofia e identidad cultural en América Latina*. Caracas: Monte Ávila Editores, 1983, pp.129-157.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- VASCONCELOS, José. Raça cósmica. In: GRACIA, Jorge J. E. e JAKSIC, Ivan. *Filosofia e identidad cultural en América Latina*. Caracas: Monte Ávila Editores, 1983, pp.67-100.